



**Leitura e Contação de Histórias na Aldeia Guajajara Taywá em Barra do Corda,
Maranhão**

Dailme Maria da Silva Tavares (Universidade Estadual do Maranhão/UEMA)¹
dailmetavares16@gmail.com

Diana Rosa Maria da Silva Tavares (EEFM Iracema Bello Oricchio)²
tavaresdiana117@gmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como tema “Leitura e contação de histórias na aldeia guajajara Taywá em Barra do Corda, Maranhão”. O objetivo é fazer uma análise reflexiva sobre as narrativas e contação de histórias presentes na memória dos indígenas da aldeia Taywá, que localiza-se no município de Barra do Corda, no estado do Maranhão, a fim de mostrar a sua importância dessas narrativas e histórias na cultura e na formação da identidade dos índios. Como também destacar a preservação de elementos da memória coletiva de uma sociedade que continua contando suas histórias e difundindo seus conhecimentos. As narrativas orais fazem parte da cultura dos povos indígenas, influenciando na formação de sua identidade e estão presentes no cotidiano das aldeias como uma forma de explicar a realidade, a origem do mundo, e o desenvolvimento do homem, ou seja, eles demonstram a habilidade que o ser humano tem de criar e contar histórias.

Palavras-chave: índios. guajajaras. cultura.

Abstract: The theme of this work is “Reading and storytelling in the Guajajara Taywá village in Barra do Corda, Maranhão”. The objective is to make a reflective analysis on the narratives and storytelling present in the memory of the indigenous people of the Taywá village, which is located in the municipality of Barra do Corda, in the state of Maranhão, in order to show the importance of these narratives and stories in the culture and formation of the identity of the Indians. As well as highlighting the preservation of elements of the collective memory of a society that continues to tell its stories and spread its knowledge. Oral narratives are part of the culture of indigenous peoples, influencing the formation of their identity and are present in the daily lives of villages as a way to explain reality, the origin of the world, and the development of man, that is, they demonstrate the ability that human beings have to create and tell stories.

Keywords: Indians. Guajajaras. Culture.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 22 de abril de 1500, já encontraram os povos originários que aqui viviam e foram denominados de índios. Os primeiros contatos

¹ Mestra em Ciências Sociais pela UNESP-Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, SP. Professora na Universidade Estadual do Maranhão/Campus Barra do Corda.

² Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela FAMART, MG. Professora na Escola de Ensino Fundamental e Médio Doutora Iracema Bello Oricchio, Embu das Artes, SP.



entre indígenas e portugueses foram amigáveis mais com o passar do tempo os europeus foram se apropriando das terras indígenas através de guerras e conflitos o que gerou o extermínio desses povos em muitos locais do Brasil. No estado do Maranhão muitos resistiram e conseguiram sobreviver até hoje preservando sua cultura como os Canelas e os Guajajaras. A aldeia guajajara Taywá, fica localizada na Terra Indígena Cana Brava há 21 km da cidade de Barra do Corda (que é conhecida como “Princesa do Sertão”) no estado do Maranhão.

Foi fundada pelo cacique Gonçalo Pompeu Guajajara que trouxe seu povo de Aldeia Nova em 1999 para viver no local. Na aldeia Taywá existem 48 indígenas da etnia Guajajara distribuídos em 8 famílias, que vivem da agricultura, do artesanato, da caça e da pesca no rio Corda que passa na aldeia. Guajajara é uma palavra tupi-guarani que significa “os donos do cocar”.

A tradição oral é uma narrativa que transmite ao ouvinte uma série de informações, conceitos e ensinamentos. Uma tradição que vem se propagando através dos tempos, onde sua origem e idade já não podem mais ser estabelecidas. A tradição milenar de narrar e contar histórias é bem antiga e graças a essa cultura de se comunicar por meio de gestos e da oralidade, é que se pode passar conhecimentos e explicações de fenômenos para outras gerações. De acordo com Afrânio Coutinho:

A preferência pela oralidade e narrativas é o primeiro aporte da cultura humana, existe em todas as bibliografias. É o elemento vivo e harmonioso que ambienta a criança e acompanha, obstinadamente, o ser humano, numa ressonância de memória e saudade (2004, p. 185).

Isso demonstra que o ato de narrar e contar histórias é básico para a transformação do cotidiano humano, e que acalenta e harmoniza um grupo social de tal maneira que traz empatia entre as pessoas. A importância da oralidade se destaca na fala de Afrânio Coutinho como um meio para a transmissão de conhecimento com capacidade transformadora e apaziguadora do convívio em grupo, que faz com que a vida em sociedade seja mais tolerável e afável. Sendo ela como meio de comunicação ou meio de preservação de tradições, a oralidade vai sempre está na história como fator decisivo para a humanidade dentro do contexto social de cada região ou comunidade, por mais remota que ela seja.



“É por meio das narrativas e da história oral que acessamos memórias, e as fontes daí resultantes não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias” (PORTELLI 1996, p. 52). As recordações e memórias partilhadas através da tradição oral, que são colhidas das memórias individuais e da experiência dos narradores, têm como origem um passado que é recriado por meio dessas narrativas e histórias e que se tornam domínio de todas as pessoas que as escutam.

Essa forma de registro tem a capacidade de preservar e modificar fatos ocorridos de acordo com a região ou grupo social em que é utilizado, tendo assim uma importância única para a sociedade onde essas narrativas e fatos são contados e lembrados. Ao acessar a memória, o indivíduo tem como ferramenta de distribuição dessa memória a oralidade, ou seja, ele faz uso da arte de dizer para que essa história se perpetue e tome novos rumos e contextos, criando assim, a tradição mais antiga do mundo “arte de narrar e contar histórias”. Para o antropólogo Daniel Munduruku essas pessoas têm:

Um conhecimento ancestral aprendido pelos sons das palavras dos avôs e avós antigos estes povos [indígenas] sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas (2008, s./p.).

Os antigos povos agráfos e orais, como indígenas e africanos, acreditam que as palavras tem força, poderes e por criarem essa magia e encantamento, é que os indígenas recorrem às histórias antigas contadas pelos anciões da aldeia, que dentro desse contexto tem a função de replicar o passado para preservar conhecimentos acumulados por milhares de anos fazendo da tradição oral dos povos indígenas um forte instrumento de ensino para as gerações mais novas, que através dela aprendem a história de seu povo. As narrativas da tradição oral proporcionam aos que os ouvem um conhecimento apresentado com clareza e de forma lúdica dando por vezes voz ao vento ou a animais para que assim, aquilo que se quer ensinar, se torne mais fácil e agradável para aprender.

A cultura oral, as narrativas definem a representatividade de um determinado povo, região ou grupo social, gerando ares que lhes são típicos e que estão encravados nas várias



narrativas, histórias como crenças e mitos, na forma pela qual são passados de geração em geração. Isso explica porque um conto ou lenda que faz parte da literatura e narrativa oral apresenta-se com características diferentes em uma determinada região, à estrutura da história é a mesma, porém se apresenta com outros elementos. Isto não modifica a lenda ou o conto quanto à qualidade, apenas se faz uma adequação à outra realidade, o tornando parte do inconsciente coletivo. Dessa forma, as narrativas e histórias existem para serem contados e recontados, mantendo viva uma tradição que ultrapassa os limites do tempo, sendo importante que eles sejam transmitidos de maneira duradoura “transportadas pelas palavras impregnadas de magia e poeticidade” de seus narradores (SILVA, 2013, p 60).

Sendo essa uma tradição nascida com a humanidade que reforça sua cultura e transmite sua história, ela tem de fato uma grande importância social capaz de transformar a vida de um povo. Essa forma de relatar acontecimentos vem sendo utilizada por décadas por todo o mundo, difundindo os ensinamentos e criando uma herança cultural para diversas culturas, pois em muitos desses povos essa era a única forma de transmissão de conhecimento, já que para algumas culturas não havia a escrita, sendo as narrativas e a oralidade a única forma de transmissão de todas essas histórias e ensinamentos.

Não podemos desconsiderar a contribuição da oralidade primária para a formação social e cultural de um povo, principalmente as culturas de povos ágrafos que ainda não possuem escrita própria, mas que detém conhecimentos milenares os quais a sua única forma de transmissão e preservação é a oralidade e a memória. O que nos faz lembrar que as literaturas orais tradicionais provém da experiência e do imaginário daqueles que a escutam, o que gera um impulso muito forte e a transforma em uma fonte inesgotável de propagação de cultura e conhecimento, que está arraigado na população de grupos sociais, desde a cidade ao mais escondido recanto do Brasil.

Segundo o censo demográfico do IBGE de 2010, no Brasil há cerca de 817.963 indígenas, dos quais 502.783 vivem na zona rural e 315.180 habitam as zonas urbanas brasileiras e representam um total de 305 etnias diferentes. Essa população vem crescendo nos últimos anos e está espalhada por todo o território nacional, tendo ainda 69 referências de índios não contatados segundo a Fundação Nacional do Índio, FUNAI. Com relação às línguas, o censo demonstrou que existem 274 línguas faladas e que cerca de 17,5% da



população indígena no Brasil não fala a língua portuguesa. Esses contingentes de povos indígenas vivem espalhados pelo território brasileiro em Terras Indígenas onde estão divididos em aldeias que são grupos menores como um povoamento, e cada aldeia tem seu chefe conhecido popularmente por cacique e que é responsável pela organização da comunidade indígena, o que equivale a um chefe político administrativo da aldeia.

A vida indígena

A maior parte dos indígenas vivem na zona rural, suas aldeias estão localizadas em Terras Indígenas destinadas à sua habitação e como sua vivência é no campo o seu cotidiano é totalmente voltado para as práticas rurais ou na natureza. Os indígenas praticam a agricultura de subsistência cultivando a mandioca, o milho, feijão; caçam, pescam, fazem extrativismo, criam animais; e produzem sua arte na confecção de adornos com penas de animais e sementes de plantas; fazem redes, cestos, bolsas, esteiras com palha de palmeiras como buriti, tucum, babaçu.

Dessa forma eles garantem a sobrevivência da comunidade. Cada aldeia tem seu modo de organização e divisão de tarefas, que na maioria dos casos funcionam da seguinte forma, a divisão das tarefas pode ser feita por sexo e ou por idade. É comum que as mulheres fiquem com o cuidado das crianças, da casa e da roça e os homens cuidam da defesa da família, da caça e da coleta na floresta. Segundo as narrativas do antropólogo Claude Lévi-Strauss a respeito da família:

Possuem três características básicas em qualquer sociedade: têm origem no casamento; são constituídas pelo marido, esposa e filhos provenientes da sua união, eventualmente com a proximidade de outros parentes em torno deste núcleo elementar; seus membros são unidos entre si por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas e outras, um entrelaçamento de direitos e proibições sexuais e uma quantidade variada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo, etc. (1966, p.314).

A organização familiar apesar de variar de acordo com a cultura obedece uma estrutura nuclear básica que constitui uma sociedade e é em torno dessas relações de parentescos que as comunidades indígenas se formam. As famílias independentes de seu



formato estão presentes em todas as sociedades sejam elas indígenas ou não, formando assim o primeiro núcleo de convívio social de uma pessoa. Dentro do núcleo familiar indígena a relação de parentesco pode assumir outra estrutura visto que para algumas crianças indígenas o conceito de pai por exemplo se estende aos irmãos de seu genitor também, e nas aldeias, as crianças são de responsabilidade de todos os membros do local independente a qual família pertence.

Cultura indígena

A cultura é parte da vida humana, os seres humanos têm culturas próprias e diferentes. A cultura indígena também é dinâmica. Nesse contexto Mércio Gomes destaca que cultura é o

[...] modo próprio de ser do homem em coletividade, que se realiza em parte consciente, em parte inconscientemente, construindo um sistema mais ou menos coerente de pensar, agir, fazer, relacionar-se, posicionar-se perante o Absoluto, e, enfim, reproduzir-se (GOMES, 2012, p.36).

Isso demonstra que a cultura resulta das manifestações do ser humano em lugares e épocas diferentes e que são passadas às gerações seguintes como forma de construção social do pensamento em relação a tudo que o cerca. Visto que o homem é um ser social que necessita do outro para desenvolver laços e produzir sua existência é que a atividade coletiva desempenha fator fundamental para o crescimento e ampliação de um grupo social. Por essa razão a cultura é imprescindível para que o homem atribua significados às suas ações e ao mundo no qual está inserido.

Nessa perspectiva tais atribuições proporcionam ao ser humano construir um sentido específico à experiência humana. Em seus diversos aspectos a cultura demonstra uma mistura de conflitos, ambiguidades e harmonia que se tornam evidentes em cada nicho da sociedade e que a diversidade cultural vai além do conceito de raças, como afirma Levi-Strauss:

[...] existem muito mais culturas humanas do que raças humanas, pois que enquanto umas se contam por milhares, as outras contam-se pelas unidades; duas culturas elaboradas por homens pertencentes a uma mesma raça podem



diferir tanto ou mais que duas culturas provenientes de grupos racialmente afastados (LEVI-STRAUSS, 1952, p.1).

A pluralidade cultural é maior que a racial, pois a cultura pode ser desenvolvida por dois indivíduos pertencentes à mesma raça e ela pode ser totalmente divergente uma da outra quanto a que pertence a grupos raciais diferentes. Assim, um mesmo grupo racial pode ter culturas distintas assim como ocorre com os povos indígenas brasileiros que são um só grupo racial com costumes tradições e línguas distintas entre outras, e que apesar de serem da mesma denominação racial pertencem a grupos étnicos bem diferentes entre si, o que gera uma grande diversidade cultural que se modifica com o tempo em decorrência de fatores externos ou internos. A interação social e cultural gerada a partir desses fatores cria relações de compartilhamento, recebimento ou imposição de costumes e hábitos que formam uma mescla de histórias e culturas em um país como o Brasil que desde a colonização portuguesa tem uma diversidade cultural e grupos sociais distintos como é o caso dos indígenas. A respeito dessa diversidade Wilson Matos da Silva acrescenta que

[...] a diversidade cultural dos povos indígenas engloba as diferenças culturais que existem entre os povos e suas comunidades indígenas, como língua, danças, vestimentas, tradições e heranças físicas e biológicas, bem como, a forma como as sociedades indígenas se organizam, conforme a sua cosmovisão e os conceitos de valores moral, crenças, hábitos, religião e a forma como o índio interage com o ambiente (SILVA, 2012, p. 12).

Essa visão demonstra a capacidade que cada grupo indígena tem de criar sua própria identidade a partir de aspectos culturais, que apresentam características ou elementos diferentes entre si com variedade e convivência de ideias a respeito de um determinado ambiente, assunto ou situação de cada povo, explicando e dando sentido à cosmologia social. Apesar de haver semelhanças entre os povos indígenas, todos os aspectos culturais podem variar bastante tanto de um povo para outro, assim como dentro de uma mesma comunidade com o passar do tempo. Essa pluralidade não diz respeito ao enfraquecimento cultural, mas aponta transformações que qualquer cultura sofre em decorrência de mudanças sociais e do contato com outras culturas.



A tradição

A palavra tradição surgiu dentro do conceito religioso que tinha o significado de prática ou doutrina que era transmitida por meio de exemplos ou pela palavra, através dos séculos, porém, esse sentido se expandiu passando a significar também como um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Como afirma Detienne, “a tradição não é um corpus fechado que persiste no tempo” (1985, p. 53) ou seja ela não é estática e vai se modificando com o tempo. Em todas as culturas as tradições têm importância vital para a manutenção da história de um determinado povo, pois seu processo de transmissão diz respeito a uma reprodução social que convive com a mudança, a variação intrínseca ao ato de repetição.

Nas sociedades indígenas esses costumes e tradições cultivados por séculos estão bem presentes no cotidiano da comunidade, e marcam de maneira significativa a vida, os costumes, as artes, o folclore e os fazeres de cada membro da aldeia. Daniel Munduruku descreve que para os indígenas a “tradição é metodologia usada como forma de manter o padrão educativo” (2017, p. 7), é uma forma de comunicação entre passado e presente com a finalidade de transmitir ensinamentos aos jovens da aldeia. Nessa linha de raciocínio Veiga enfoca que

[...] própria ideia de tradição já evoca a noção de continuidade e fidelidade passada de geração a geração; a tradição está em conformidade com o que disseram as gerações anteriores e com as categorias cognitivas ligadas a valores morais e éticas comportamentais elaboradas pelas sociedades (VEIGA, 2013, p.101).

Assim, os elementos fundamentais para a estrutura política, cultural e social de um grupo são transmitidos e atualizados pela tradição, que mantém o funcionamento das instituições, a compreensão dos papéis sociais, dos direitos e das obrigações de cada indivíduo dentro de uma sociedade. A tradição orienta o povo indígena como forma de manutenção da cultura, mas sobretudo perpetuando maneiras de ser e estar no mundo a partir da visão social construída dentro daquele grupo, na cultura.

A cultura através das narrativas e da oralidade



As narrativas orais e a contação de histórias fazem parte da cultura popular em geral e responsáveis pela manutenção de tradições pelo mundo através dos tempos. A oralidade é uma dessas narrativas que tem como premissa ser uma história breve contada por um narrador e que se desenvolve em torno de um enredo que tem como principal finalidade passar algum ensinamento ou entreter um grupo de pessoas. Para Júlio Cortázar,

[...] Uma narrativa se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal se me é permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (CORTÁZAR, 2006, p. 151).

Isso mostra o paradoxo que é uma narrativa, onde ela mostra um fragmento da realidade limitando o foco, de uma maneira que esse fragmento amplie a realidade e projete nas pessoas algo além do que é contado, expandindo círculos de inteligência e sensibilidade. O poder que a narrativa tem de ligar o passado e o presente proporciona uma ferramenta indispensável para resgatar a cultura e as tradições de um povo ou comunidade respeitando as mudanças ocorridas e preservando o que de fato é importante para cada indivíduo.

As narrativas constituem instrumentos importantes de abertura, propagação e conservação da cultura dos seres humanos. A narrativa surge a partir de situações cotidianas, palavras, expressões e do uso da imaginação humana para contar uma história. Desse modo, o homem criou um meio de se comunicar e compartilhar suas ideias e intenções, afinal, “histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade”. Contar, narrar é uma antiga forma de expressão” (BUSATTO, 2006, p. 17).

A oralidade e narrativas resgatando a cultura indígena

De acordo com Busatto, “contar histórias é um arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser” (2003, p.10). Cultivar desde cedo o hábito de ouvir histórias proporciona ao ouvinte desenvolver uma bagagem cultural e afetiva que auxilia na construção de identidades, mediante a relação de troca que se estabelece entre



narradores e ouvintes criando a possibilidade de ser quem são. Nessa temática Jacupé destaca que

Ao contar a sua história, um índio, um clã, uma tribo parte do momento em que sua essência-espírito permeou a terra e relata a passagem dessa essência-espírito pelos reinos vegetal, mineral e animal. Há tribos que começam a sua história desde quando o clã eram seres do espírito das águas, outras trazem a sua memória animal como início da história, e há aqueles que iniciam a sua história a partir da árvore que foram. (JACUPÉ, 2020, p. 28).

A cultura indígena está intimamente ligada à natureza e para compreender as tradições, os índios passam por cerimônias nas quais adquirem conhecimentos tradicionais que são preservados, especialmente, na memória dos mais velhos, que se tornam responsáveis pela transmissão às futuras gerações, através da oralidade. Isso faz das narrativas uma forma de preservação da cultura pois é um meio de preservar e transmitir ensinamentos antigos às novas gerações. Desse modo, a memória é evocada e recriada desenvolve novos significados no momento presente, a partir das palavras de quem transmite esses ensinamentos. Em relação a memória nas sociedades indígenas, Daniel Munduruku relata que

[...] as sociedades tradicionais são filhas da memória e a memória é a base do equilíbrio das tradições. A memória liga os fatos entre si e proporciona a compreensão do todo. Para compreender a sociedade tradicional indígena é preciso entender o papel da memória na organização da vida. Esta memória é reinventada no cotidiano para que todos possam caminhar conforme os ensinamentos, as regras de conduta e os valores individuais e sociais que regem a sociedade. Viver é, portanto, ter os pés assentados no agora e o pensamento e o coração amarrados na Tradição, sabendo, inclusive, que a nossa permanência na Terra é uma dádiva, um “presente” (MUNDURUKU, 2013, p. 08).

A memória guardada com os mais velhos da aldeia tem o papel fundamental de divulgação da cultura, sendo esses anciões considerados pelas pessoas da aldeia guardiões da memória. As narrativas por meio desse entrelace entre os mais velhos e o conhecimento indígena promovem o resgate da tradição que une o passado e o presente e traz um novo sentido para a representatividade indígena, apresentando assim, novos horizontes para a expansão dessa cultura indígena.



O trabalho de campo

A pesquisa e o trabalho de campo realizada na aldeia guajajara Taywá localizada na cidade de Barra do Corda no estado do Maranhão, tem em sua base pesquisas e entrevistas abertas com indígenas da aldeia, seguido de coleta de dados por meio de relatos de histórias contadas pelos mais velhos com objetivo de conseguir resultados através da história oral, analisando o conhecimento da população acerca das histórias contadas na aldeia.

Segundo Oliveira, “a metodologia engloba todos os passos realizados para a construção do trabalho científico” (2003, p. 51) que basicamente consiste em definir onde, como, com o que e quando a pesquisa será realizada. O tipo de pesquisa utilizada neste trabalho foi à pesquisa aplicada que, de acordo com Gil pode “contribuir para a ampliação do conhecimento científico e sugerir novas questões a serem investigadas” (2017, p.31).

A família é a instituição social onde as primeiras histórias são ouvidas, visto que as pessoas dessa instituição são as primeiras a intermediar o contato da criança com o texto oral. É por meio desses textos que se inicia a “leitura de mundo” (FREIRE,1989, p.10) e apresenta o universo da narrativa que amplia as experiências sociais e desenvolve a imaginação dentro de outros contextos.

Considerações finais

No presente trabalho foram apontadas as principais características da oralidade, das narrativas e da contação de histórias na aldeia guajajara Taywá e a influência dessas narrativas na formação da identidade dos habitantes. Assinalando a sua importância na valorização da cultura e na formação da identidade, especialmente para os indígenas, pois traz uma reflexão sobre a oralidade e narrativas presentes na memória. Dando destaque para a preservação de elementos da memória coletiva de uma sociedade que continua contando suas histórias e difundindo seus conhecimentos.

Nos resultados foram evidenciados que a oralidade, as narrativas e contação de histórias estão presentes no cotidiano familiar da aldeia Taywá sendo difundidos principalmente pelos mais velhos da aldeia. A maioria dos participantes da pesquisa atestou



conhecer algum tipo de narrativa e que são usadas para explicar a realidade, a origem do mundo, a origem dos guajajaras; da aldeia; o desenvolvimento dos animais, da natureza e dos seres humanos; e também demonstraram a habilidade que o ser humano tem de criar e contar histórias. Observamos que o povo indígena é constituído por várias etnias que possuem várias culturas e que cada povo desenvolveu suas próprias tradições religiosas, musicais, festividades, artesanatos e ritos de passagens. Essa cultura, costumes e tradições estão se perdendo devido a vários fatores e como isso é interessante incentivar propagação da oralidade, das narrativas e contação de histórias existentes nas aldeias indígenas a fim de preservar as tradições e divulgar essa cultura ancestral que é muito rica e faz parte da sociedade brasileira.

Analizamos as narrativas, as histórias de vida dos mais velhos e as representações indígenas na aldeia Taywá situada na cidade de Barra do Corda no Maranhão, refletindo sobre a sua importância para a identidade da comunidade indígena. Foi feita também uma reflexão sobre a frequência da contação de histórias no âmbito familiar, promovendo momentos para a oralidade, narrativas e contação de histórias. Mostrando aos indígenas a importância da oralidade para sua tradição e cultura, onde foi proposto a transcrição dos contos como meio preservação e resgate cultural. O que possibilitou debater a oralidade e as narrativas como legado histórico e cultural no contexto em que é socializado. Analizamos o desenvolvimento sociocultural através da oralidade, narrativas e contação de histórias dos mais velhos e também da releitura das histórias indígenas. Ao ser trabalhado os textos da tradição oral indígena é possível contribuir para o desenvolvimento da conscientização étnico racial e a representatividade indígena, o que impactou positivamente nos resultados do trabalho.

Esse estudo é uma contribuição ao debate sobre a cultura indígena guajajara e abre caminhos para novas abordagens relativas aos estudos sobre a oralidade e narrativas indígenas. Nesse campo há ainda muito a ser explorado e estudado. Assim, a investigação que envolve esse universo das narrativas orais indígenas não se encerra, mas possibilitam outros estudos. Ainda há bastante história no imaginário dos povos indígenas guajajaras, que os conduzem a um relacionamento harmônico com a natureza e a vida, devendo serem respeitadas. Nesse contexto cultural, a oralidade, as narrativas e a contação de histórias



também são patrimônios imaterial e cultural dos índios guajajaras da aldeia Taywá, da cidade de Barra do Corda, do estado do Maranhão e da cultura brasileira.

Referências

- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CORTAZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. Tradução: Davi Arriguet jr. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. **Que é literatura e como ensiná-la**. Notas de teoria literária. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- DETIENNE, M. **Pela boca e pelo ouvido**. A invenção da mitologia. Barcelona: Ediciones Península, 1985.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do ensino superior**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2º ed. São Paulo: Petrópolis, 2020.
- MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena**. Overmundo. Disponível em: < <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena> >. Acesso em: 14 de junho de 2019.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.
- PORTELLI, Alexandre. **A Filosofia e os Fatos**: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: SHAPIRO, Harry L. (org). **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**: ciência do homem: filosofia da cultura. São Paulo: Contexto, 2008.
- SILVA, Wilson Matos da. **Diversidade cultural dos povos indígenas**. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/variedades/diversidade-cultural-dos-povos-indigenas/82280/>. Acesso em 20 de Abril de 2019.
- VEIGA, Patrícia R. V. **Oralidade e escrita na educação escolar indígena do Alto Rio Negro – AM**: o caso da escola Kariamã. Anais da X Reunión de Antropologia del Mercosur. Córdoba, 2013.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.